

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



*ARTIGOS*  
*DOCTRINÁRIOS*  
*ESPÍRITAS*

Artigos Espíritas

Extraídos da obra

Gabriel Delanne - O Espiritismo Perante a Ciência

Segunda Parte

- I - O magnetismo e sua história
- II - O sonambulismo natural
- III - O sonambulismo magnético



## Segunda Parte

### I

#### O magnetismo e sua história

Saindo das graves discussões dos capítulos precedentes, parecerá talvez bizarro a certas pessoas, que entremos num assunto como o magnetismo, ciência que até então não pôde achar direito de cidade nas academias.

Muito tempo desconhecido, ridicularizado e mesmo perseguido, o magnetismo, como todas as grandes verdades, tem vida forte; longe de definhar ao sopro das perseguições, tomou um desenvolvimento considerável e se nos apresenta com seu cortejo de homens ilustres e eruditos, com milhões de experiências probantes, como para mostrar à Humanidade de que aberrações são capazes as corporações científicas.

Há hoje uma reação em seu favor. Em todas as partes, os jornais e as revistas médicas se ocupam com os fatos maravilhosos produzidos pelo hipnotismo, nome novo de que o magnetismo se revestiu. Ao abrigo desse pseudônimo, insinuou-se no santuário dos príncipes da ciência, que o não reconhecendo, a princípio, lhe fizeram boa acolhida; agora, porém, sabendo com que tratam, desejaria negar-lhe o parentesco estreito com o magnetismo, que continuam a proscrever.

Antes de estudar esse recém-chegado em capítulo especial, ocupemo-nos do magnetismo propriamente dito. Na primeira parte desta obra, ficou estabelecido que a ciência não autorizava ninguém a falar em seu nome, quando se trata de combater a existência da alma. Os mais eminentes fisiologistas reconhecem sua incapacidade para explicar a vida intelectual, sem a intervenção de uma força inteligente. A filosofia concluiu pela necessidade do princípio pensante; a experiência, por sua vez, prova à evidência, pelos processos do magnetismo, a presença da alma como potência diretriz da máquina humana.

Há um século pesquisas minuciosas se fazem nesse domínio. Homens sérios, convictos e dedicados mostraram que o charlatanismo não tem

parte alguma nas verdadeiras ações magnéticas e que se achavam em face de uma modificação nervosa que era preciso estudar.

Puységur, Deleuze, Du Potet, Charpignon, Lafontaine e outros, homens de ciência e de incontestada honestidade, descreveram, em suas numerosas publicações, milhares de experiências verídicas, que constam em atas assinadas pelos nomes mais honestos e mais conhecidos. Negar hoje os fatos seria infantilidade ou má-fé.

A fim de mostrar nossa imparcialidade, só tomaremos, como demonstração da existência da alma, as experiências bem averiguadas; reportar-nos-emos, em grande parte, ao relatório sobre o magnetismo apresentado à Academia de Medicina, e lido nas sessões de 21 e 28 de junho de 1831, em Paris, por Husson, relator.

Os outros testemunhos serão tomados, ora a adversários das doutrinas espiritualistas, que não poderão ser acusados de complacência, ora a escritores especiais, que trataram destas questões, mas, neste caso, as suas narrativas se apóiam na autoridade de médicos, que as acompanharam em todas as suas fases.

Deste modo, poderemos raciocinar sobre observações autênticas e delas tirar conclusões tão claras como as que se deduzem do estudo da natureza e que foram formuladas sob o nome de leis físicas e químicas.

## Histórico

A ciência magnética compreende certo número de divisões, conforme as diferentes categorias de fenômenos. Assinalaremos, aqui, os fatos que se relacionam com o desprendimento da alma, deixando de lado o aspecto terapêutico dessa ciência cultivada pelos nossos antepassados.

Sem fazer a história detalhada do magnetismo, podemos lembrar que ele foi conhecido em todos os tempos. Os anais dos povos da antigüidade formigam em narrativas circunstanciadas, que mostram o profundo conhecimento que do magnetismo tinham os antigos sacerdotes.

Os magos da Caldeia, os brâmanes da Índia curavam pelo olhar e por meio dele proporcionavam o sono. Ainda hoje, na Ásia, os sacerdotes

estão de posse do segredo dos seus predecessores, e particularmente no Hindostão os faquires cultivam com êxito as práticas magnéticas, como relatam os viajantes que percorreram essas regiões.

Os egípcios colheram sua religião e seus mistérios na grande fonte da Índia; empregavam, no alívio dos sofrimentos, os passes e a aposição de mãos, como os executamos ainda em nossos dias. Cita Heródoto, em muitas passagens, os santuários onde iam ter os peregrinos, desejosos de curar-se com os remédios que os hierofantes descobriam em sonho. Diodoro de Sicília diz positivamente que os doentes chegavam em multidão ao templo de Ísis, para aí serem adormecidos pelos sacerdotes. A maior parte dos pacientes caíam em crise e indicavam, eles mesmos, o tratamento que os devia reconduzir à saúde.

O templo de Serápis, de Alexandria, era afamado, porque restituía o sono aos que dele se viam privados. Conta Estrabão que, em Mênfis, os sacerdotes adormeciam e nesse estado davam consultas médicas. A História está repleta das narrações de curas por esse processo. Arnóbio, Celso e Jâmblico ensinam em seus escritos que havia entre os egípcios, em todas as épocas, pessoas dotadas da faculdade de curar por meio da aposição das mãos e de insuflações, conseguindo, muitas vezes, fazer desaparecer doenças tidas como incuráveis.

Os gregos, por sua vez, receberam dos povos do Egito grande número de conhecimentos e não tardaram a igualar, senão a ultrapassar os mestres. Os hierofantes do altar de Trofônus tinham adquirido grande celebridade nesses misteres. O que prova que o magnetismo estava muito espalhado nessa época é que, no dizer de Heródoto, alguns padres mataram por ciúme certa mágica que fazia curas por meio de fricções magnéticas.

O ilustre taumaturgo Apolônio de Tiana não ignorava essas práticas; ele curava a epilepsia com objetos magnetizados, predizia o futuro e anunciava os acontecimentos que se passavam ao longe. Conserva-se a lembrança do seguinte caso:

Em sua velhice, o filósofo se refugiara em Éfeso. Ensinava um dia em praça pública, quando seus discípulos o viram deter-se, de repente, e

exclamar, com voz vibrante: “Coragem, fere o tirano!” Interrompeu-se alguns instantes, na atitude de quem espera com ansiedade, e continuou:

– Perdei o temor, Efésios, o tirano já não existe, acaba de ser assassinado.

Alguns dias depois, soube-se que no momento em que Apolônio falava, Domiciano tombava sob o punhal de um liberto.

Os romanos também tiveram templos onde se reconstituía a saúde por operações magnéticas. Conta Celso que Asclepiades de Pruse adormecia, magneticamente, as pessoas atacadas de frenesi. Galeno, um dos pais da medicina moderna, suprimia certas doenças com a aplicação dos mesmos remédios que o fizeram passar por feiticeiro e o obrigaram a deixar Roma.

Declarou este notável sábio, que devia grande parte de sua experiência às luzes que recebia em sonho. Também dizia Hipócrates que as melhores mezinhas lhe eram indicadas durante o sono. Quem obteve, porém, maior fama nessa matéria, foi Simão, *o mágico*, que soprando nos epiléticos, destruía o mal de que estavam atacados.

Na Gália os druidas e as druidesas possuíam em alto grau a faculdade de curar, como o atestam muitos historiadores; sua medicina magnética tornou-se tão célebre que os vinham consultar de todas as partes do Mundo. É fácil verificar quanto sua fama era universal, consultando Tácito, Plínio e Celso. Na Idade Média, o magnetismo foi praticado, principalmente, pelos sábios. O clero, ignorante e supersticioso, temia a intervenção do diabo nessas operações um tanto estranhas, de sorte que esta ciência ficou sendo o apanágio dos homens instruídos.

Avicena, doutor famoso, que viveu de 980 a 1036, escreveu que a alma age não só sobre o seu próprio corpo, senão ainda sobre corpos estranhos que pode influenciar, à distância.

Ficin, em 1460, Cornélio Agripa, Pomponáceo em 1500 e sobretudo Paracelso, contemporâneo deles, estabeleceram as bases do magnetismo moderno, como devia ser ensinado mais tarde por Mésmer.

Arnaud de Villeneuve foi buscar nos autores árabes o conhecimento dos efeitos magnéticos e seu êxito foi tão grande que ele atraiu o ódio de seus confrades e foi condenado pela Sorbona.

Em 1608, Gloucênus, professor de medicina em Marbourg, editou uma obra que tratava das curas magnéticas. Desde essa época ele procurou dar uma explicação racional desses fenômenos.

Van Helmont dizia, reabilitando a memória de Paracelso, de quem ele foi o continuador: O magnetismo só tem de novo o nome, só é um paradoxo para os que riem de tudo e que atribuem a Satã o que não podem explicar. Há no homem – diz mais adiante – uma tal energia, que ele pode atuar fora de si e influenciar de maneira durável um ser ou um objeto de que está afastado. Tal força é infinita no Criador, mas limitada na criatura, pelos obstáculos naturais. Estas concepções novas, estas vistas ousadas foram atacadas pela Igreja, que se encontra sempre na rota dos inovadores, empenhada em lhes impedir a passagem, e o célebre médico foi obrigado a refugiar-se na Holanda, onde já estava o grande Descartes.

Socorreu Van Helmont, em sua luta, o escocês Robert Fludd; mais tarde, Maxwell, em 1679, sustentou as mesmas idéias. O padre Kircher, falando de Fludd, dizia que seus escritos foram inspirados pelo diabo; cita, entretanto, numerosos exemplos de simpatias e antipatias e dá, mesmo, indicações para bem magnetizar.

Em 1682, assinalaremos Greatrakes, na Inglaterra, que fez milagres, simplesmente com as mãos, sem procurar, aliás, saber a maneira pela qual a ação se dava.

Em França, Borel e Vallée, no começo do século XVII, empregaram o magnetismo por insuflações para combater as moléstias nervosas rebeldes a qualquer outro tratamento. Gassner encheu a Alemanha com o ruído dos resultados obtidos pelo magnetismo, como é ele praticado em nossos dias. Fixava energicamente o olhar nos olhos do doente e o friccionava de alto a baixo, sacudindo os dedos, quando chegava à extremidade, para expulsar os princípios maus.

Não narraremos a odisséia de Mésmer; ela é bastante conhecida e por isso cremos desnecessário reproduzi-la; basta assinalar que a vulgarização da ciência magnética lhe é devida.

O magnetismo é hoje estudado metodicamente, e uma notável propriedade descoberta pelo marquês de Puységur lhe fez dar passos de gigante: queremos falar do sonambulismo provocado, que será objeto de nosso próximo estudo. Não tendo o intuito de estender-nos sobre a história do magnetismo, paramos aqui. Era apenas nossa intenção mostrar que esta ciência, motejada pelos ignorantes ou parciais, tem uma genealogia gloriosa e remonta a épocas bem afastadas.

Ainda há pouco tempo, atribuíam-se à credulidade e à superstição as narrativas dos antigos relativas às curas magnéticas. Atualmente, as pesquisas nesse campo tendo-nos feito ver que se podiam obter os mesmos resultados, enchemo-nos por isso de admiração por esses sacerdotes que possuíam uma ciência tão completa da vida e que a exerciam com tanta habilidade.

## II

### O sonambulismo natural

Após fatigante jornada, quando repousamos os membros lassos, sentimos pouco a pouco que um bem-estar nos invade; produz-se uma tranqüilidade geral, uma calma no cérebro; nossos olhos se fecham, dormimos. Que atos se realizam durante essa suspensão da vida ativa?

O sono tem por caráter essencial romper a solidariedade que existe, habitualmente, entre as diferentes partes do corpo, entre as diversas funções do organismo, entre as múltiplas faculdades do homem. Durante esse tempo, cada uma das unidades que compõem o todo concentra em si mesma a força que lhe é própria, isola-se das outras, e assim o corpo se separa do mundo exterior pelo repouso dos sentidos.

Até aqui se emitiram as mais contraditórias teorias para explicar esse estado, mas é também inteiramente difícil compreender a situação em que nos encontramos quando não se está dormindo, porque a vida é

repartida por períodos de atividade e de repouso que não são menos naturais, nem menos normal, um do que o outro. O sono não é, pois, como alguns o pretenderam, a imagem da morte. Estudando com Longet os sintomas que se manifestam nos seres que vão dormir, verificamos que o sono não se apodera bruscamente de nós: nossos órgãos amortece, sucessivamente, em graus variáveis; alguns velam ainda, enquanto outros já estão mergulhados em completo entorpecimento. Em geral, são os músculos dos membros os que primeiro se relaxam e enfraquecem. Os braços e as pernas, imobilizados, ficam na posição escolhida e que está em relação com a forma das articulações e das principais massas musculares.

Depois dos membros, são os músculos voluntários do tronco que se afrouxam; na calma da noite, nossos sentidos inativos não recebem qualquer impressão de fora, e esta inação, que favorece a sonolência, é logo seguida de uma atonia completa. Quase sempre, a vista é o sentido que primeiro enfraquece; o olhar fatigado se embacia, perde o brilho e se fixa em objetos que não vê mais, ao mesmo tempo em que a pálpebra se fecha; depois, é o ouvido que adormece e termina a sucessão dos fenômenos que assinalaram a invasão do sono.

É de notar que o ouvido, tão rebelde à fadiga, resiste também por último aos ataques da morte; ouve-se, ainda, quando os demais sentidos já cessaram de viver, assim como se percebem sons, quando os diferentes órgãos já se acham adormecidos. Outra circunstância singular é a seguinte: é pelo ouvido que penetram, as mais das vezes, as influências soporíficas, e o ouvido vigia, ainda, quando o corpo, por sua ação, não é mais do que uma massa inerte. Sabe-se, com efeito, com que facilidade a monotonia de um som aniquila o conhecimento: o ruído de uma queda d'água, o murmúrio do vento através das grandes árvores, as melopéias dolentes, as ingênuas e tocantes cantigas das mães, embalando os filhos, são tantas provas do que dizemos.

O gosto, o olfato, o tato cessam, geralmente de manifestar propriedades ativas desde os primeiros sinais do sono, que podemos encarar como o repouso do corpo.



É durante esse estado que os órgãos e os sentidos recuperam a força nervosa que despenderam durante a vigília, e quando a máquina humana se torna novamente apta às funções da vida de relação, o homem desperta.

A série de atos que acabamos de descrever é a que se exerce normalmente. Não indicamos os casos particulares que podem apresentar-se e que variam conforme os indivíduos, mas existe um ponto em que é bom insistir, porque nos porá na via das explicações relativas aos sonhos: é a marcha decrescente das faculdades, no momento do sono.

Pode muito bem acontecer que a percepção ou o poder de conhecer se extinga em nós, antes que os sentidos adormeçam. Com efeito, quantas vezes, após laboriosas vigílias, sucede-nos deixar cair um livro no qual já não distinguíamos senão pontinhos pretos. Um pouco antes, víamos estas letras, nós as reuníamos, líamos, mas já não concebíamos; mais tarde, víamos, mas não líamos, perdíamos a consciência de nosso estado. Nesse último caso, é incontestável que a percepção enfraquece antes do sentido que transmite a impressão.

Outras vezes, ao contrário, o órgão sensorial adormece antes da concepção, de sorte que a última imagem percebida serve de ponto de partida a uma série de idéias que nascem em razão do gênero de trabalho do indivíduo. Que a idéia de luz seja, por exemplo, a última recebida pelos sentidos; ao físico, ela irá levar o espírito ao estudo da luz; ele reverá as experiências múltiplas da refração, da polarização, etc., cujos inumeráveis problemas poderão desfilar diante dele; ao fisiologista, lembrará os mistérios da visão; ao pintor, quadros mágicos, esplêndidos ocasos, auroras imaculadas; ao homem do Mundo, festas e saraus.

Ora, como todas essas visões interiores podem ser determinadas por uma ou várias sensações finais, produzidas nos órgãos dos sentidos, e como são elas capazes de atuar simultaneamente, as faculdades do espírito se misturam umas às outras, produzindo as mais fantásticas e extraordinárias associações de idéias. É precisamente o que acontece no sonho habitual, que sobrevém, muitas vezes, também, por causas puramente materiais, que agem no corpo adormecido.

O sono, pois, no momento mesmo em que sobrevém, destrói a solidariedade que existe entre as diversas faculdades do espírito, de maneira que elas adormecem sucessivamente; quando uma delas fica em atividade, adquire uma força tão grande que nenhuma sensação externa lhe neutraliza a ação.

Existem provas notáveis do fato. Se nos preocupamos com a solução de um problema ou se nos domina uma idéia, todas as nossas forças se concentram nesse ponto único, e se a lembrança permanecesse, veríamos de que obras-primas seria capaz o espírito humano.

Isto nos conduz ao caso particular do sono, que se chamou sonambulismo. Neste estado, o indivíduo caminha dormindo e procede como se estivesse acordado. Os tratados de fisiologia estão cheios de observações sobre esta curiosa anomalia. Podemos citar exemplos históricos de sonambulismo.

Foi durante o sono que Cardan compôs uma de suas obras, que Condillac, o famoso filósofo sensualista, terminou seu curso de estudos. Voltaire refez em sonho, completamente, e melhor do que o fizera acordado, um dos cantos da *Henriade*. Massillon, dormindo, escrevia muitos dos seus elegantes sermões; enfim, Burdach, o fisiologista, que se interessou muito por esta questão, conta o seguinte

“A 17 de junho de 1882, fazendo a sesta, sonhei que o sono como o alongamento dos músculos é um retorno a si mesmo, que consiste na supressão do antagonismo. Alegre, com a viva luz que essa idéia me parecia espalhar sobre os fenômenos vitais, acordei; mas, logo depois tudo entrou em sombra, porque esse modo de ver estava, no momento, em contradição com minhas idéias, mas se tornou o gérmen das que se desenvolveram depois em meu cérebro.”

Este último fato é simplesmente um sonho, mas os citados acima apresentam caráter especial. Assim, para compor uma obra ou escrever sermões, quando o corpo está adormecido, é preciso que o autor se desloque, que seus membros façam certos movimentos em relação com o fim a atingir: há aí o sonambulismo natural. Distingue-se pois do sonho por dois caracteres:

1 - o andar durante o sono;

2 - a perda da lembrança do que se passou, ao acordar.

Durante o sonambulismo, os membros obedecem à vontade e esta atua sobre o corpo, sem ser solicitada por qualquer estimulante exterior.

Isso se produz com freqüência nos indivíduos jovens. As crianças, sobretudo as irritáveis, levantam-se, muitas vezes, de noite, ou executam na cama movimentos variados, sem que, aliás, lhes seja o sono interrompido. Se os órgãos da voz despertam, traduzirão os pensamentos do sonho; assim é que milhares de seres têm o hábito de sonhar alto. Podem suceder-lhes sustentar conversa, durante certo tempo, com pessoas acordadas; mas é preciso que se lhes adivinhe o objeto de suas preocupações, porque a resposta que eles dão se dirigem, não ao interlocutor real, mas à personagem ideal do sonho.

Tais são, em seu conjunto, os ensinamentos dados pela fisiologia, para explicar o sonambulismo. É fácil verificar que são insuficientes, na grande maioria dos casos.

Temos, na primeira linha, a *Enciclopédia*, que não pode ser acusada de ternura para com as teorias espiritualistas. Relata, no artigo “sonambulismo”, a história de um jovem padre que se levantava todas as noites, ia, à escrivaninha, compunha sermões e tornava a deitar. Alguns de seus amigos, desejosos de saber se ele, de fato, dormia, espiaram-no, e uma noite em que ele escrevia, como de costume, interpuseram um grosso cartão entre seus olhos e o papel. Ele não se interrompeu, continuou a redação e, terminada esta, deitou-se, como de hábito, sem suspeitar da prova a que fora submetido. O autor do artigo acrescenta: “Quando ele terminava uma página, lia-a alto, do princípio a fim (se se pode chamar leitura a esta ação sem o concurso dos olhos). Se lhe desagradava alguma coisa, ele a retocava e fazia as correções, em cima, com muita exatidão. Eu vi o começo de um desses sermões que ele escrevia dormindo; pareceu-me bem feito e corretamente escrito. Mas havia uma emenda surpreendente: tendo posto num lugar – *ce divin enfant*, achou, relendo, dever substituir a palavra *divin* por *adorable*; viu, porém, que o *ce*, que ficava bem antes de *divin*, não o era antes de *adorable*, e colocou muito acertadamente um *t* ao lado das letras precedentes, de sorte que se lia *cet adorable enfant*.”

Aqui não é possível limitarmo-nos às explicações acima enunciadas, para explicar os fatos, porque há uma fase do fenômeno em que não seria demais insistir: é a visão sem os olhos. É este um detalhe muito importante, porque se nos é demonstrado que um sonâmbulo pode caminhar em um quarto, escrever com os olhos fechados, fazer correções, que indicam uma vista bem nítida, isso nos provará que há nele uma força que seguramente o dirige, que age fora dos sentidos, numa palavra, que a alma vela quando o corpo dorme.

Na história referida pela *Enciclopédia*, pode-se pretender que uma forte contensão do espírito, durante a vigília, predispuesse o cérebro do jovem sacerdote à redação de suas homilias. Mas se é fácil admitir que ele tinha o hábito de trabalhar em sua secretária e que, maquinalmente, para ela vinha durante o sono, é impossível explicar como via através de um cartão, de forma a escrever corretamente, voltar às páginas, quando chegava ao fim delas, adicionar letras no lugar preciso onde isso fosse útil, praticar, finalmente, todos os atos que exigem o auxílio da vista.

Os fatos que se seguem, tão estranhos como o precedente, e onde qualquer contestação é impossível, são tomados ao Doutor Debay, que faz profissão de materialismo e que não é benévolo para com os espiritualistas, em geral, e os espíritas, em particular. Exporemos, depois, as teorias luminosas que ele apresenta, admitidas em geral pelos incrédulos, e mais uma vez assinalaremos a lamentável insuficiência desses sistemas, que querem dispensar a alma, na explicação dos fenômenos da vida.

É este o 1º caso observado pelo próprio doutor:

“Por bela noite de verão, percebi, à claridade da lua, uma forma humana caminhando pelos telhados de uma casa muito alta; vi-a rastejar, estender-se, e depois se agarrar fortemente aos ângulos agudos do teto e assentar-se no alto da cumeeira.

Para melhor observar essa estranha aparição, muni-me de um binóculo, e distingui, claramente, uma mulher ainda jovem com o filhinho nos braços, estreitado ao peito. Ela ficou perto de meia hora nessa perigosa posição; desceu, depois, com surpreendente agilidade e desapareceu.

No dia seguinte, à mesma hora, fez a mesma ascensão, na mesma atitude, e com a mesma agilidade percorreu os telhados. De manhã, relatei ao proprietário da casa o que vira. Ele me ouviu assustado e contou que sua filha era sonâmbula, mas ignorava completamente os seus passeios noturnos; induzi-o a tomar minuciosas precauções, a fim de impedir um terrível acidente.

Veio a noite e vi, ainda, a moça executando as manobras dos dias precedentes; corri de novo a advertir o pai; encontrei-o triste e pensativo. Disse-me que, depois de a filha deitar-se, tinha ele mesmo lhe fechado a porta do quarto, com dupla volta, tomando ainda a precaução de colocar um cadeado por fora.

Ah! – dizia ele – a pobre rapariga, não tendo outra salda, abriu a janela, e, como de costume, dirigiu-se para o telhado. De volta, após um quarto de hora, bateu com o punho num batente da janela que o vento fechara, ferira-se ligeiramente e acordou dando um grito agudo. Por inaudita felicidade, a criança, que escapara de suas mãos, caíra numa poltrona, que ela tivera o cuidado de colocar junto à janela, para lhe servir de degrau.

Nesse momento, a sonâmbula entrou. Era uma mulher delicada e adoentada; trazia no rosto, interessante, o cunho da tristeza e denotava uma idiossincrasia histérica. A prisão do marido, condenado político, impressionara-a extremamente e contribuía para sua exaltação moral. Quando lhe falei dos seus passeios perigosos, sorriu languidamente e não quis acreditar. Enfim, interrogando-a sobre a natureza dos seus sonhos, disse ela que parecia ter tido, havia já alguns dias, um sono pesado, penoso; umas vezes sonhava que gendarmes, guardas, toda a horda de policiais lhe invadia o domicílio, para apoderar-se do republicano; outras vezes era ao filho e a ela que queriam levar.

Seguia-se-lhe ao despertar grande lassidão; sentia-se fatigada, triste, abatida, com dor de cabeça, e tudo atribuía à dolorosa separação que a privava do esposo.”

Tal é a narrativa do doutor, que ele faz seguir das seguintes observações:

“Refletindo-se nas condições físicas e morais dessa moça, descobre-se que ela era predisposta ao sonambulismo, por sua organização, e que um pensamento a acompanhava sempre: a prisão do marido. Dessa idéia, durante o sono, nasciam muitas outras, por associação: o órgão encefálico, fortemente estimulado, punha em jogo o aparelho locomotor e o dirigia para o teto da casa. O motivo dessa perigosa ascensão eis o perigo de que se acreditava ameaçada, ela e seu filho.”

Muito bem. Mas aqui não se pode invocar o conhecimento dos lugares e o hábito, para explicar o caminhar da sonâmbula por sobre as arestas agudas do telhado, porque, certamente, essa dama não fazia ali os seus passeios ordinários.

Ora, perguntamos qual era a força que a dirigia? Aonde ia ela buscar a segurança e a lucidez necessárias para guiá-la naquele caminho perigoso? Ainda mesmo que ela pudesse servir-se dos olhos, a criança, que sustinha nos braços, ser-lhe-ia causa de terrores, de que ela seria vítima.

Nesse estado, é preciso reconhecer que a alma dirigia o corpo sem o socorro dos sentidos, e para que a dúvida não seja possível, tomemos, ainda, do mesmo autor, dois outros fatos, onde, com o corpo adormecido, gozava a alma de todas as suas faculdades intelectuais.

O professor Soave, ensinando filosofia e história natural na Universidade de Pádua deu à publicidade o seguinte caso de sonambulismo:

Um farmacêutico da Pavia, sábio químico, a quem se devem importantes descobrimentos, levantava-se todas as noites, durante o sono, e ia a seu laboratório continuar os trabalhos inacabados. Acendia os fornos, preparava os alambiques, retortas, vasos, etc., e prosseguia em suas experiências com uma prudência e agilidade, de que, acordado, talvez não fosse capaz; manejava as mais perigosas substâncias, os mais violentos venenos, sem que jamais lhe acontecesse o menor acidente.

Quando lhe faltava o tempo para preparar, durante o dia, as receitas mandadas aviar pelos médicos, ia busca na gaveta onde estavam

fechadas, abria-as, colocava-las na mesa, umas sobre as outras, e procedia ao seu preparo, com todo o cuidado e as precauções requeridas.

Era verdadeiramente extraordinário vê-lo tomar a balança, escolher os gramas, decigramas e centigramas, pesar com precisão farmacêutica as doses mínimas das substâncias contidas nas receitas, triturá-las, misturá-las, prová-las, pô-las depois em frascos ou em pacotes, segundo a natureza dos remédios, colar os rótulos, e dispor, finalmente, os preparados nas prateleiras da farmácia, pronto para ser entregue, quando os viessem buscar.

Terminados os trabalhos, ele extinguiu os fornos, punha em ordem os objetos e voltava para a cama, onde dormia tranqüilo até à hora de acordar. Nota o Prof. Soave que o sonâmbulo tinha constantemente os olhos fechados; confessa que, se a memória dos lugares e a idéia de acabar os trabalhos bastassem para guiá-lo no laboratório, a leitura e o preparo das receitas, cujo conteúdo ignorava, ficariam inexplicáveis.

Eis-nos chegados, enfim, a uma circunstância que, conforme confissão dos sábios, não se pode compreender por suas teorias. Eles são incapazes de explicar esses fenômenos estranhos, mas essa incapacidade se origina, apenas, da sua obstinação. Enquanto rejeitarem sistematicamente a alma, a natureza humana terá sempre mistérios que eles não poderão sondar.

Conta também o Dr. Esquirol que um farmacêutico se levantava todas as noites e preparava as poções cujas fórmulas se encontravam na mesa. Para verificar se havia discernimento por parte do sonâmbulo, ou apenas movimentos automáticos, um médico colocou no balcão da farmácia a nota seguinte:

- Sublimado corrosivo ..... 2 oitavas
- Água destilada ..... 4 onças

Para tomar de uma vez.

O farmacêutico levantou-se durante o sono e, como de hábito, desceu a seu laboratório; apanhou a receita, leu-a várias vezes, pareceu muito espantado e entabulou o seguinte monólogo, que o autor da narrativa, oculto no laboratório, escreveu palavra por palavra:

“É impossível que o doutor não se tenha enganado nesta fórmula; 2 grãos já seriam bastante; mas há aqui legivelmente escrito 2 oitavas, que são mais de 150 grãos. Isto é mais do que suficiente para envenenar 20 pessoas. Ele enganou-se, indubitavelmente. Não preparo esta porção.”

O sonâmbulo tomou, em seguida, diversas prescrições que estavam na mesa, preparou-as, rotulou-as e colocou-as em ordem para serem entregues no outro dia.

Sigamos o Dr. Debay nas explicações que dá sobre a narrativa acima. Temos três casos de sonambulismo natural, impossíveis de se compreender, sem admitir-se a existência de um princípio espiritual, diretor da matéria e não submetido ao sono como o corpo. Os sábios procuram disfarçar a ignorância, por meio de teorias obscuras, mais difíceis de admitir que as nossas. Assim, Debay explica que o olho não é o único órgão por onde se opera a visão e que pode transmitir ao cérebro, a percepção dos objetos. Somos desta opinião; onde diferimos é na interpretação do mecanismo da vista sonambúlica, que, segundo, o nosso doutor, se pode fazer pela ponta do nariz, pelo epigástrico ou pela extremidade dos dedos!

Não ria, leitor! Pretende ele que a visão pelo epigástrico ou pela ponta do nariz não é tão sem fundamento como (a justo título) poderia acreditar-se; que existem, talvez, ramificações do nervo ótico, que vão a essas extremidades, e por elas o sonâmbulo poderá guiar-se.

Se nos deixássemos levar por essa concepção, docemente fantasista, seria possível justificar a crença de que o homem perfeito seria o que possuísse um olho fixo à extremidade de uma longa cauda móvel.

“Pela hipótese das ramificações – continua Debay – o estímulo exterior agiria sobre essas anastomoses desconhecidas e as vibrações que determinassem no cérebro bastariam para produzir a percepção.” E acrescenta gravemente: “Não convém negar; mais sábio é duvidar, esperando novas demonstrações.”

Que se deve dizer diante de tais suposições? Para uma discussão séria é preciso examinar o primeiro caso assinalado.



Debay explica esses fenômenos por uma comparação. Assim como um comandante dirige seu navio servindo-se de um mapa, da mesma forma, no sonambulismo, a memória dirige o corpo pelas impressões que ela lhe fornece.

Admira ver um médico, um fisiologista emitir tal asserção. Não sabíamos que a memória dirige o corpo, mas a vontade, guiada por diversas influências, de que uma delas poderia ser a memória. Apesar da dificuldade em admitir tal teoria quando os movimentos do indivíduo se produzem numa residência que lhe é habitual, que dizer das circunstâncias em que o sonâmbulo se conduz, maravilhosamente, e com uma segurança que não teria, mesmo acordado, em meios que lhe são totalmente desconhecidos?

Tomemos o exemplo daquela jovem senhora cujo marido foi preso. É possível afirmar que a memória a conduzia, quando ela caminhava pelo telhado, rastejava, esgueirava-se pelas arestas pontiagudas e se assentava, enfim, na cumeeira? Impossível supor que se entregasse a tais exercícios, em seu estado normal. Mas, então, que poder a protegia e lhe evitava as quedas? Por que órgão via ela, desde que em tal estado tinha os olhos completamente fechados?

Não se pode imaginar que ramificações do nervo ótico, terminando no epigástrico ou alhures, sejam capazes de transmitir vibrações luminosas ao cérebro, porque sabemos, e desde muito, que as sensações luminosas e auditivas são localizadas nos órgãos desses sentidos, e que é tão difícil explicar a visão pelos ouvidos como a audição pelos olhos.

E ainda que o nervo ótico se ramificasse, como quer Debay, não tendo as extremidades aparelho receptor, ou seja, a câmara escura que constitui a parte essencial do olho, elas não poderiam, de forma alguma, transmitir vibrações luminosas ao cérebro.

Entretanto, o fato aí está; ele se apresenta inegável; é preciso explicá-lo exclusivamente pelo mecanismo da máquina humana ou admitir a alma como causa eficiente.

Dir-se-á, com o doutor, que quando a visão não se dá, o cérebro suprime essa função por uma visão interna dos objetos que procura. Que quer isto dizer? E como poderia existir essa percepção íntima para objetos que não

foram vistos pelos olhos do corpo? Essa hipótese é absolutamente inadmissível e o autor apresenta logo outra.

Os órgãos dos sentidos, diz ele, desenvolvidos em excesso no sonâmbulo, experimentam, à distância, a ação dos corpos e lhe fazem evitar os perigos que o ameaçam.

Entramos no domínio da fantasia com esta suposição, que não pode, mesmo, explicar todas as particularidades observadas. Com efeito, no caso referido por Esquirol, o farmacêutico adormecido que preparava suas poções pôde ser advertido do perigo que correria seu cliente se ele se conformasse com a receita, não por uma emanção do papel.

Ele procedeu como em estado ordinário e discutiu metodicamente a impossibilidade de um tal remédio. Perguntamos: quem discutia, quem via?

Poder-se-ia admitir, em rigor, que um indivíduo praticasse durante o sono, atos puramente mecânicos, como os que executa acordado e não exigem qualquer aplicação do espírito; assim, que o cocheiro cuide de seus cavalos, que o artista toque piano, que a cozinheira lave sua vasilhame. Neste caso, é natural conceber certas ações reflexas do sistema nervoso, superexcitado por idéia fixa. Mas quando o raciocínio entra em jogo, quando todas as faculdades funcionam, como de ordinário, e é notório que o indivíduo está adormecido, ou por outra, quando as funções da vida de relação cessam, dizemos que é preciso aceitar a existência de um agente que não dorme, que pensa, que arrazoa, que quer, e a esta força que vela sobre o corpo e o conduz chamamos alma.

Afinal, o Dr. Debay, que acha um desvario a crença nos Espíritos, não é muito positivo e seu cepticismo não repousa em qualquer prova da insânia de nossas crenças.

Diremos, em resumo, para não alongar a discussão: fica estabelecido que o sonambulismo natural oferece caracteres notáveis, que serão incompreensíveis se negarmos a realidade da alma. Poderíamos citar mil outros casos de sonambulismo; deles estão cheios os tratados de fisiologia, mas não nos ofereceriam nada mais típico do que os já apontados. O capítulo seguinte é consagrado ao exame do sonambulismo

magnético e, aí, ainda verificaremos que a afirmativa espiritualista é bem fundada.

Um último reparo. Durante o famoso debate na Academia de Medicina, por ocasião da leitura do relatório do Sr. Husson, os fatos combatidos foram, sobretudo, os de visão sem o auxílio dos olhos. Mas se os doutos incrédulos tivessem pensado que os sonâmbulos se movem habilmente com os olhos fechados, teriam evitado o ridículo de rejeitar um fato reconhecido por eles próprios.

### III

#### O sonambulismo magnético

O Curso de Magnetismo do barão du Potet contém, em grande número, documentos que nos persuadem ser uma verdade o sonambulismo artificial, isto é, provocado pelo magnetismo. Acrescentamos-lhes outras narrativas, tomadas às autoridades da ciência magnética, Charpignon e Lafontaine, sempre com o apoio das atas assinadas pelos médicos mais conhecidos. Os fatos que se seguem têm, pois, todos os caracteres de autenticidade.

O sonambulismo magnético é comumente caracterizado por inteira insensibilidade da pele; pode-se impunemente picar o adormecido, beliscá-lo, fazer-lhe queimaduras: ele não desperta nem dá qualquer sinal de sofrimento.

O amoníaco concentrado, levado pela respiração às vias aéreas, não determina a menor alteração, e o que, no estado habitual, poderia produzir a morte, fica sem efeito nesta espécie de sonambulismo. Se a sensibilidade se extingue, o ouvido não parece menos desprovido de ação. Nenhum ruído se faz ouvir; a voz, a queda ou a agitação dos corpos sonoros não comunica qualquer som aos nervos acústicos; eles parecem inteiramente paralisados; tiros de pistola, junto ao orifício do conduto auditivo, ferindo as carnes, deixam crer na privação desse sentido.

Mas tal estado só não existe para o magnetizador, porque este pode fazer ouvir as mais fracas modulações da sua voz; sua palavra se faz compreender a distâncias onde qualquer outro nada ouviria nem mesmo poderia ver o movimento dos lábios.

Numerosas experiências foram feitas por du Potet, em 1820, no “Hôtel Dieu” de Paris. Ele assim as relata aos seus discípulos:

“Sabeis que o sonambulismo se ofereceu à nossa observação e que grande numero de médicos incrédulos, atraídos pela novidade do espetáculo, dele foram testemunhas. Quiseram assegurar-se por si mesmos da verdade do que eu lhes dizia. Deixei-os fazer o que entenderam, porque, em fenômenos extraordinários, só se deve acreditar pelo testemunho dos sentidos.

A presença de muita gente não impediu a produção do sonambulismo, e uma vez produzido este estado, os assistentes usaram de todos os meios para verificar a insensibilidade dos magnetizados. Começaram por lhes passar fios de pena muito leves nos lábios e nas asas do nariz; depois lhes pinçaram a pele de tal modo que produziram equimoses; introduziram fumaça nas fossas nasais; puseram os pés de uma sonâmbula em um banho de mostarda fortemente sinapizado e com água em alto grau de calor.

Nenhum desses meios determinou a menor alteração, o mais ligeiro sinal de sofrimento; o pulso se mostrou regular. Mas, ao despertar, todas as dores, que deviam ser provenientes dessas experiências fizeram-se sentir vivamente, e os doentes se indignaram com o tratamento que os fizeram experimentar.”

Não se deve esquecer que essas experiências foram executadas, não por du Potet, mas por incrédulos; ele apenas deu a conhecer os seus (deles) testemunhos escritos. Eis, entre outras, uma ata assinada pelo Dr. Roboam:

“Eu, abaixo assinado, certifico que a 8 de janeiro de 1821, a pedido do Senhor Recamier, pus em sono magnético a chamada Le Roy (Lise), do leito nº 22, da sala Ste. Agnês; ele a tinha, anteriormente, ameaçado com um cautério, se ela se deixasse adormecer.

Contra a vontade da doente, eu, Roboam, fi-la passar ao sono magnético, durante o qual Gilbert queimou agárico junto às fossas nasais e essa desagradável fumaça nada produziu de notável. Recamier aplicou-lhe ele mesmo um cautério na região epigástrica, o qual produziu uma escara de 15 linhas de comprimento e 9 de largura; durante sua aplicação, a doente não manifestou a menor dor, por gritos, movimentos ou variações do pulso; permaneceu em insensibilidade completa; despertada, sentiu muita dor.”

Estavam presentes a esta sessão os senhores Crilbert, Créqui, etc.

Assinado: Roboam, doutor em Medicina.<sup>i</sup>

Se nos estendemos sobre esse testemunho, é para bem mostrar que o magnetismo é uma força e o sonambulismo uma verdade, a despeito de todos os corpos sábios que quiseram abafar esse descobrimento.

Eis ainda uma última prova da insensibilidade dos sonâmbulos.

Alguns cirurgiões do “Hôtel Dieu” mudaram de hospital, e um deles, o Dr. Margue, ficou no vasto hospício da Salpêtrière. Em sua nova residência, ocupou-se com o magnetismo e em breve o sonambulismo se manifestou em muitos doentes. Esquirol, de quem já falamos, não se opôs a esses estudos; tolerou, mesmo, que se tornassem públicos: a multidão dos curiosos era grande e os incrédulos numerosos.

Renovaram nas pobres mulheres as experiências do “Hôtel Dieu” depois, como acreditassem que a dor podia ser suportada, até certo ponto, sem ser manifestada, que se podia sofrer a mais forte queimadura sem mostrar sinal externo, supôs-se que o melhor seria dar-lhes a respirar amoníaco concentrado. Para isso, procurou-se no hospital um vaso que contivesse quatro onças de amoníaco e o colocaram muitos minutos seguidos no nariz de cada sonâmbula, tendo-se o cuidado de fazer com que a inspiração levasse para o peito o gás deletério. Repetiram a operação várias vezes e nunca puderam os observadores surpreender a sombra de qualquer manifestação de incômodo ou mal-estar.

Detalhe pungente: um doutor, sem dúvida mais incrédulo que os outros, quis certificar-se por si mesmo, de que o vaso continha

amoníaco, e, tendo-se aproximado para cheirá-lo, quase pagou com a vida a imprudente curiosidade.

Esses fenômenos, pois, provam que o sonambulismo é um estado particular do sistema nervoso, que apresenta grandes analogias com a paralisia sensitiva produzida pelos anestésicos, como o clorofórmio e o éter. Veremos mais longe quanto esta assimilação é completa.

Os fatos que acabamos de descrever foram examinados com escrupulosa atenção e afirmados por testemunhas honoráveis como Husson, Bricheteau, Delens e uma multidão de outros médicos. As atas, redigidas no lugar, foram depositadas com o Sr. Dubois, tabelião em Paris, sendo uma cópia daquelas publicada numa brochura, que teve grande repercussão, e ninguém jamais desmentiu a veracidade dos fatos.

Determinemos agora outros caracteres do sonambulismo magnético. O sonâmbulo sente com mais precisão, que no estado normal, qual a parte do seu corpo que é afetada; ele a vê, e muitas vezes indica o remédio conveniente. Em grau mais elevado, abarca de relance toda a sua anatomia e seu poder se estende até ler o pensamento das pessoas que entram em relação consigo.

Um dos sinais característicos do sono sonambúlico é o esquecimento, ao despertar, de tudo que se passou.

Chegamos, enfim, ao que se chama *transposição dos sentidos*, que é a faculdade que têm certos sonâmbulos de ver sem a intervenção dos olhos, de cheirar sem o órgão da olfação, de ouvir sem o auxílio do ouvido.

Se insistimos nessas estranhas faculdades, é que não pode apresentar para elas uma explicação racional quem se obstina em não reconhecer a existência da alma, a de um poder que se manifesta fora das condições da vida habitual. Os exemplos que se seguem estabelecem, peremptoriamente, a dupla vista.

Deleuze, bibliotecário e professor de história natural no Jardim das Plantas, em uma memória sobre a clarividência dos sonâmbulos, narra este episódio:

“A jovem doente me havia lido corretamente sete ou oito linhas, posto que seus olhos estivessem cobertos de modo a não poder servir-se deles. Foi ela depois obrigada a parar, dizendo-se muito fatigada.”

Alguns dias depois, querendo convencer incrédulos, Deleuze apresentou à jovem uma caixa de papelão, fechada, na qual estavam escritas às palavras: *amizade, saúde, felicidade*. Ela segurou a caixa por algum tempo, manifestou muita fadiga, e disse que a primeira palavra era amizade, mas que não podia ler as outras. Instada para que fizesse novos esforços, consentiu e disse, restituindo a caixa: não vejo bem, mas creio que as duas palavras são: *bondade, doçura*. Enganara-se nos dois últimos termos, mas, como se vê, tinham muita semelhança com os que estavam escritos, e essa coincidência não pode ser atribuída ao acaso.<sup>ii</sup>

Escolhemos este fato entre muitos outros, para mostrar que a faculdade sonambúlica pode, na mesma pessoa, apresentar graus diversos, que vão da vista incompleta à vista perfeita. Demos a palavra ao Senhor Rostan, que escreveu o artigo *Magnetismo*, no dicionário de ciências médicas.

“Mas se a vista é abolida no seu sentido natural, está para mim inteiramente demonstrado que ela existe em muitas partes do corpo. Eis uma experiência que repeti freqüentemente; esta experiência foi feita em presença de Ferrus. Apanhei o meu relógio, coloquei-o a três ou quatro polegadas atrás do occipúcio e perguntei à sonâmbula se via alguma coisa.

– Certamente, vejo alguma coisa que brilha e que me faz mal.”

Sua fisionomia exprimia dor e a nossa devia exprimir espanto. Entreolhamo-nos e Ferrus, quebrando o silêncio, me disse que desde que ela via alguma coisa brilhar, diria sem dúvida o que era.

“– Que vê? – Ah, não sei, não posso dizer. – Olhe bem. – Espere, isso me fatiga... espere: é um relógio.

Novo motivo de surpresa. Mas, se ela sabe que é um relógio – disse Ferrus –, poderá sem duvida ver que horas são.

– Oh! não, é muito difícil.

– Preste atenção, procure bem.

– *Espere... vou esforçar-me, direi talvez a hora, mas não passo ver os minutos. São 8 horas menos dez.*

Era exato. Ferrus quis repetir a experiência ele mesmo, e ela se reproduziu com o mesmo êxito. Fez-me ele virar, muitas vezes, os ponteiros do seu relógio, que lhe apresentamos, e ela, sem o ver, nenhuma vez se enganou.”

Temos aqui uma prova concludente e que apresenta uma circunstância particular, que deve ser estudada. Desde logo, o fenômeno da visão sem os olhos está bem estabelecido. Já demonstramos que a teoria do Doutor Debay, isto é, aquela das ramificações nervosas, aceita por todos os incrédulos, é inadmissível. Só resta, para compreender o que se passa, reconhecer que é a alma que momentaneamente se desprende e percebe de maneira diversa da vida corrente.

Já temos duas provas de clarividência, porém, a pequena distância, porque segundo Deleuze, a moça sustinha a caixa em suas mãos e Rostan diz que ela colocou o relógio a três ou quatro polegadas, atrás do *occiput*; pode constatar-se a visão à distância em outras condições. É ainda a um doutor que tomaremos o caso passado em Sabóia. A sonâmbula, filha de um rico negociante de Grenoble, não pode ser suspeita de desempenhar uma farsa e por isso o caso se reveste de grande valor.

Entre as diferentes fases que apresentou esta doença que o Doutor Despine, chefe de clínica do estabelecimento de Aix, descreveu com muitos detalhes, ele insiste especialmente sobre a do sonambulismo.

Transcrevemos literalmente:

“Não só a nossa enferma ouvia pela palma da mão, como a vimos ler sem o auxílio dos olhos, pela extremidade dos dedos, que agitava com rapidez acima da página que queria ler, sem a tocar, como para multiplicar as superfícies sensíveis; vimo-la ler assim uma página inteira de um romance da moda.

De outras vezes ela escolheu, num maço de trintas cartas, uma que lhe tinha sido indicada; leu no mostrador, e do outro lado do vidro, a



hora num relógio; escrevia cartas e corrigia, relendo-as, os erros que lhe tinham escapado; recopiava uma carta, palavra por palavra. Durante todas as operações um anteparo de papelão espesso interceptava-lhe completamente a vista.

Os mesmos fenômenos se realizavam pela planta dos pés e pelo epigástrico.”

A visão aqui apresenta a maior intensidade: leitura de páginas inteiras, redação de cartas etc., e isso com minuciosa vigilância, estando a sonâmbula de olhos fechados, com um cartão interposto entre o papel e ela.

A dupla vista vai agora se firmar em todo o seu esplendor e é o Doutor Charpignon, de Orleans, quem nos conta o seguinte:

“Uma noite, tínhamos em nossa casa duas sonâmbulas, e em uma casa vizinha dava-se um baile.

Apenas preludiou a orquestra, uma delas se agitou, pois ouviu o som dos instrumentos.

Já dissemos que certos sonâmbulos, isolados, são sensíveis à música. Em breve, a segunda sonâmbula ouviu também e elas compreenderam que se tratava de um baile.

– Querem vê-lo? – perguntei-lhes.

– Certamente.

Imediatamente as duas jovens começaram a rir e a conversar sobre a atitude dos dançantes e as vestes das dançarinas.

– Veja aquelas moças de vestido azul, como dançam jocosamente, e o pai delas que gira com a noiva... Ah! como esta senhora é desembaraçada; ela se queixa de que não está doce seu copo d'água e quer mais açúcar. E este homenzinho! Que roupa vermelha esquisita! Nunca vimos espetáculo mais engaçado e curioso!

Duas pessoas presentes, duvidando que houvesse visão real, foram à sala do baile e ficaram admirados vendo as moças de roupa azul, os homenzinhos de traje vermelho, e o par da noiva que as duas moças tinham designado.

Outra vez – continua Charpignon – uma das nossas pacientes desejou, num dos seus sonambulismos, ir ver a irmã que estava em Blois. Ela conhecia o caminho e o seguiu mentalmente.

– Olá! – exclamou ela – aonde vai Senhor Jouanneau?

– Onde está você?

– Eu estou em Meung, nas Malvas, e encontro o Senhor Jouanneau, em trajes domingueiros, que vai, sem dúvida, jantar em algum castelo.

Depois, continuou a viagem. Ora, quem se tinha apresentado, espontaneamente, à vista da sonâmbula, era um habitante de Meung, conhecido das pessoas presentes; escreveram-lhe para saber o que havia de verdade sobre seu passeio no lugar e hora indicados. A resposta confirmou minuciosamente o que dissera a senhorita Celina.”

Quantas reflexões! Quantos estudos psicológicos nesse fato fortuitamente produzido! A visão dessa sonâmbula não fora lançada, como geralmente acontece, no lugar desejado; ela percorrera toda a estrada de Orleans a Blois e notara, nessa rápida viagem, tudo o que podia chamar sua atenção.

Já não é só a clarividência à curta distância, mas a vista real com os olhos fechados, que se exerce ao longo de uma viagem. É preciso dizer adeus a todas as ramificações possíveis, porque, desde que o corpo da jovem estava em Orleans, necessariamente uma parte dela mesma deve ter-se destacado para ver o que se passava na estrada de Malva. Desgoste, embora, aos materialistas, isto só pode ser a alma.

Resta, é verdade, o recurso de negar os fatos; é mais cômodo que raciocinar. Mas, a quem se fará crer que doutores como Rostan, Deleuze, Despines e Charpignon, investigando longe uns dos outros, em pacientes diversos e com todas as precauções possíveis, pudessem ser enganados por meninas! A boa-fé desses senhores está acima de qualquer suspeita, porque eles não tinham outro escopo, publicando seus trabalhos, que o de afirmar a verdade.

Nessa época, sobretudo, em que tudo que se referia ao magnetismo era escarnecido pela multidão ignorante e pelas academias cétricas, grande ato de coragem foi a declaração deles.

Para os espiritualistas, os fatos referidos podem parecer anormais, porém não inexplicáveis, uma vez que a alma, essa parte imaterial do homem, pode, em certas circunstâncias, destacar-se do corpo e transportar-se a distância. Mas, para os materialistas, que não se contentam com um levantar de ombros em face desses relatórios, é indispensável achar uma explicação boa ou má, a fim de não ficarem omissos.

Conhecemos já a teoria dos plexos nervosos e de suas ramificações; vejamos outra, que se acha comumente em livros que tratam do mesmerismo, sob o ponto de vista material.

Os magnetizadores pretendem que o fluido nervoso que percorre os nervos não se detém sempre na superfície da pele, lança-se algumas vezes para fora, sob o império da vontade, formando assim uma verdadeira atmosfera nervosa em torno do paciente, esfera de atividade semelhante à dos corpos eletrizados.

Até que tudo é então bem racional, já essa doutrina foi admitida pelo célebre fisiologista Humboldt; ela pode explicar os fatos do magnetismo puro, tal como a ação do magnetizador sobre o seu paciente e o efeito curativo do agente magnético. Pode-se supor, com efeito, que o operador emita bastante fluido nervoso para saturar o magnetizado, de maneira a fazê-lo recuperar as forças que perdeu. Mas, para o sonambulismo, e particularmente para a dupla vista, a explicação é insuficiente. Veja-se o que, então, imaginaram. Citemos textualmente, porque vale a pena.

“Sabe-se que o mundo não acaba onde pára o nosso olhar; uma imensidade de coisas escapa a nossos sentidos, porque eles não são bastante desenvolvidos, bastante sutis para captá-los. Resulta da nossa imperfeição sensorial e intelectual que a impossibilidade não está onde a julgamos ver, mas, ao contrário, muito além do ponto em que a colocamos.

Tomemos, por exemplo, um casco de tartaruga; interponhamo-lo entre os olhos e um livro aberto; logo cessaremos de ler, porque os

raios luminosos partindo do livro para se irem refletir na retina, são interceptados por um obstáculo.

Admitamos, agora, de um lado, que a luz penetra todos os corpos, em graus diversos, e, de outro lado, que o espesso casco seja dividido em cem lâminas extremamente delgadas; cada lâmina isolada será necessariamente diáfana, podendo-lhe ver através.

É precisamente o que se passa com o sonâmbulo; os nervos ópticos adquirem tão alto grau de força visual, que os corpos mais espessos, mais opacos, passam ao estado de transparência, de diafanidade completa. É fácil, então, aos raios objetivos, atravessar esses corpos e, penetrando nas pálpebras fechadas da sonâmbula, ir desenharem-se sobre a retina que eles representam.”

Eis por que sua filha é muda!

Observemos, em primeiro lugar, que a luz não atravessa todos os corpos. É falsa, pois, a hipótese. Em seguida, supondo-se que o casco de tartaruga seja dividido em cem lâminas e que, separadamente, cada uma delas possa ser atravessada pela luz, não é menos certo que, reunidas, ofereçam intransponível barreira ao olhar ordinário e, com mais forte razão, ao de uma sonâmbula adormecida.

Adquiram os nervos ópticos a força que se lhes queira emprestar e a energia visual só se exercerá quando os raios refletidos pelos objetos se puderem desenhar na retina; ora, a sonâmbula, de olhos fechados, nada pode ver com o auxílio deles.

Narra Herschell que conheceu um homem que distinguia a olho nu os satélites de Júpiter; certo, esse indivíduo tinha uma faculdade visual pouco ordinária, mas estamos convencidos de que, quando fechava os olhos, não via mais nada. Ora, por mais ativos que se possam tornar, os nervos ópticos não servem de explicação ao fenômeno, quando as pálpebras estão fechadas.

E, na citação precedente, que significa a última frase? Como podem raios desenhar-se na retina que eles representam?

Isso nada quer dizer.

De tudo se deve concluir que, quanto mais se estudam os estados particulares do corpo humano, mais a existência da alma se impõe como uma verdade brilhante; os que querem negá-la ficam reduzidos às mais ridículas concepções ao explicar os fenômenos do pensamento e do magnetismo, assim natural como provocado.

Não podemos esconder que fatos tão caracterizados, como os que acabamos de narrar, sejam pouco comuns na vida ordinária; mas todos os que se ocuparam, mais ou menos seguidamente, de magnetismo, puderam verificá-los. Os livros, jornais e revistas que tratam do assunto estão cheios de observações semelhantes, e só por ignorância ou má-fé será possível recusá-las hoje.

Chegamos, agora, ao relatório de Husson, sobre as experiências magnéticas feitas pela comissão da Academia de Medicina, durante três anos, e lido nas sessões de 21 a 28 de junho de 1831. Nele descobriremos um terceiro caráter do sonambulismo: a previsão do futuro.

A comissão se reuniu no Gabinete de Bourdois no dia 6 de outubro, ao meio-dia, hora em que chegou Cazot. Foissac, o magnetizador, tinha sido convidado a vir às doze e trinta; ele ficou no salão, sem Cazot o saber e sem nenhuma comunicação conosco. Foram, entretanto, dizer-lhe, por uma porta oculta, que Cazot estava sentado num sofá, a dez pés de uma porta fechada, e que a comissão desejava que o adormecesse e o acordasse nessa distância, ficando ele na sala e Cazot no gabinete.

Às 12:37, enquanto Cazot conversava conosco ou examinava os quadros do gabinete, Foissac, do aposento contíguo, começou a magnetizá-lo. Notamos que ao fim de quatro minutos, Cazot pestaneja ligeiramente, mostra-se inquieto, e adormece, enfim, depois de nove minutos. Guersent, que o tratara no hospital das crianças, de ataques de epilepsia, pergunta se o conhece. Resposta afirmativa. Itard indaga quando ele terá um acesso; ele responde que “de hoje há quatro semanas, – a 3 de novembro, às 4:05 da tarde”.

Perguntam-lhe, em seguida, quando terá outro. Depois de se concentrar e hesitar um pouco, diz ele que será cinco semanas após o

que acaba de indicar, a 9 de dezembro, as 9:30 da manhã. A ata dessa sessão foi lida em presença de Foissac para que a assinasse conosco; tentamos induzi-lo em erro, dizendo o relator que o primeiro acesso de Cazot seria a 4 de novembro, domingo; enganou-o, ainda, o relator, quanto ao segundo. Foissac tomou nota das falsas indicações, como se fossem exatas. Mas, alguns dias depois, pondo Cazot em sonambulismo, como o costumava fazer, para tirar-lhe as dores de cabeça, soube, por ele, que era a 3 e não a 4 o seu primeiro ataque. Avisou a Itard, a 1º de novembro, supondo que houvera erro na ata, cuja pretendida veracidade foi, entretanto, mantida por Itard.

A comissão tomou as precauções convenientes para observar o ataque de 3 de novembro; ela foi às 4 horas da tarde à casa de Georges, chapeleiro onde Cazot estava empregado; soube aí que Cazot tinha trabalhado toda a manhã, até às 2 horas, e que, ao jantar, sentira dor de cabeça; descera, entretanto, para retomar ao trabalho, mas que a dor aumentara e, tendo uma vertigem, subira a seu quarto, onde se deitou e adormeceu.

Bourdols, Fouquier e o relator subiram, precedidos de Georges, ao quarto de Cazot. Georges entrou sozinho e o encontrou dormindo profundamente, o que nos mostrou pela porta entreaberta. Depois, falou-lhe alto, agitou-o, sacudiu-o pelos braços, sem que o acordasse, e às 4:06, em meio às tentativas feitas por Georges para despertá-lo, Cazot foi presa dos principais sintomas que caracterizam um ataque de epilepsia, em tudo iguais aos que lhe havíamos observado precedentemente.

O segundo ataque, anunciado para 9 de dezembro, isto é, com *dois meses de antecedência*, sucedeu as 9:30 e se caracterizou pelos mesmos fenômenos precursores e pelos mesmos sintomas dos de 7 de setembro, 1º de outubro e 3 de novembro.

Enfim, a 11 de fevereiro, Cazot fixou a época de um novo ataque, a 22 de abril seguinte, às 12:05, e este se realizou como os antecedentes, com diferença de uns 5 minutos. Esse ataque, notável pela violência, pela espécie de furor com que Cazot mordida a mão e o antebraço, pelos abalos bruscos que o levantavam, durava 35

minutos, quando Foissac, que estava presente, magnetizou o doente. Logo cessou o estado convulsivo, que cedeu lugar ao sonambulismo magnético, durante o qual Cazot se levantou, sentou-se e disse que estava muito fatigado; que teria, ainda, dois ataques; um, dali a 9 semanas, às 6:03 (25 de junho). Não quer pensar no segundo ataque e acrescenta que, dentro de três semanas, depois do acesso de 25 de junho, ficará louco; sua loucura durará três dias e será tão mau que baterá em todos, maltratará, mesmo, a mulher e o filho; que não o deverão deixar com eles, e que não sabe se matará alguém, que não mencionou. Será preciso, então, sangrá-lo imediatamente nos pés. Enfim, disse ele, curar-me-ei em agosto e, uma vez curado, a doença não mais voltará, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Foi a 22 de abril que estas precauções nos foram anunciadas, e dois dias depois, querendo Cazot deter um cavalo fogoso que tomara o freio nos dentes, foi precipitado sob a roda do carro, que lhe fraturou a arcada orbitária esquerda, molestando-o horripelmente. Transportado ao hospital, aí faleceu a 15 de maio.

Vemos nesta observação um homem sujeito a ataques epiléticos durante dez anos. O magnetismo atua nele, *embora ele ignore o que se lhe faz*. Torna-se sonâmbulo; melhoram os sintomas da doença, os acessos diminuem; as dores de cabeça e a opressão desaparecem, sob a influência do magnetismo; ele prescreve um tratamento apropriado à natureza do seu mal, com o qual promete a cura. *Magnetizado, sem o saber e de longe*, cai em sonambulismo, donde é retirado com *a mesma prontidão* com que é magnetizado de perto. Indica, enfim, com rara precisão, um mês ou dois antes, o dia e hora em que deve ter um ataque de epilepsia. Entretanto, dotado de previsão para acessos afastados, e ainda mais para acessos que não se realizarão, não prevê que dois dias mais tarde será atingido por um acidente mortal.

Sem procurar indagar o que semelhante observação pode ter de contraditório à primeira vista, a Comissão faz notar que as previsões de Cazot só se referem a seus acessos, que eles se reduzem à consciência das modificações orgânicas que se preparam, e são como o resultado necessário das funções internas; que essas previsões,

apesar de mais extensas, são inteiramente semelhantes às de certos epiléticos, os quais reconhecem, por certos sintomas precursores, que irão ter um acesso. Seria de espantar que os sonâmbulos, cujas sensações são mais vivas, como vimos, pudessem prever seus acessos, muito tempo antes, por alguns sintomas ou impressões internas que escapam ao homem acordado?

É dessa forma que se poderia compreender a previsão atestada por Arétée, em duas passagens de suas obras imortais, por Sauvage, que refere um exemplo e por Cabanis.

Acrescentemos que a previsão de Cazot não é rigorosa, absoluta, mas condicional, pois que, predizendo um ataque, diz que ele não se dará se o magnetizarem; ela é toda orgânica, interna. Concebemos porque ele não predisse um acontecimento externo, a saber, que o acaso lhe faria encontrar um cavalo feroso, ao qual teria a imprudência de querer deter, e que receberia uma ferida mortal.

Ele pôde prever um ataque que nunca se deveria dar; foi como o ponteiro de um relógio, que deve percorrer, em um tempo dado, certa porção do círculo do mostrador, e que não o descreve por que o relógio se quebra.”

O Doutor Husson define perfeitamente o papel do sonâmbulo na previsão. É o de um espectador que examina o jogo dos órgãos de uma máquina e percebe que, em dado momento, produzir-se-á um acidente. Neste exemplo, a alma afirma-se independente do corpo, pois que julga, calcula, raciocina, e indica exatamente as crises que se realizarão em um tempo muito afastado.

Deve-se convir que o preconceito está profundamente enraizado no coração humano, porque esses fatos se produzem há um século, claramente, não isolados, mas na Europa inteira, e ainda se encontram sábios, pouco ciosos do seu nome, que ridicularizam tais práticas e lhes chamam simples imposturas charlatanescas.

Os casos que relatamos têm, entretanto, tanta autenticidade como qualquer fenômeno físico ou químico. Sábios de primeira ordem, uma comissão da Academia, proclamaram a verdade e o caráter científico



desses estudos; eis por que nos assiste o direito de afirmar que temos em mãos a prova experimental da existência da alma.

Quando se vê um homem ou uma mulher em sonambulismo, isto é, em um estado tal que as mais violentas ações físicas são incapazes de lhe produzir a menor impressão; quando se verifica que este ser, que se acreditaria morto, vê, ouve o magnetizador, designa os objetos colocados atrás de si; indica o que se passa, não só na casa, mas também a grande distância, como duvidar que reside nele um agente que não obedece às leis da matéria, como recusar a evidência?

Esse indivíduo, no qual os órgãos sensoriais são inativos, tem uma percepção mais viva, mais nítida que em estado ordinário; prevê os acidentes que hão de sobreviver no curso de sua doença; enfim, dá todos os sinais de uma atividade intelectual mais intensa, mais penetrante que a dos assistentes. Francamente, perante esse conjunto esmagador de provas, diremos que é impossível negar a alma.

O magnetismo não tem que lutar somente contra os materialistas, senão também com os incrédulos, mesmo espiritualistas.

Bersot, que escreveu interessante volume sobre o magnetismo, passa em revista os fenômenos naturais que apresentam analogias com o Mesmerismo e o Espiritismo. Nós os reencontraremos em outro capítulo para o que diz respeito a esta última ordem de idéias; aqui só nos ocupamos do sonambulismo.

Bersot pretende explicar os fatos maravilhosos que verificamos. Vejamos como. Em primeiro lugar não nega o sono sonambúlico:

“No magnetismo animal o que parece incontestável é o sono, a insensibilidade e a obediência ao magnetizador. Não falemos da insensibilidade, que é um fato comum; o sono é artificial e não é menos real por isso; só há que discutir o artifício.”

Muito bem. Mas se a insensibilidade está tão bem averiguada e é tão comum, porque diz ele, mais adiante, a propósito dos gestos que o sonâmbulo reproduz:

“Não é certo que os sentidos, neste estado extraordinário, estão bastante excitados para perceber o que, de outro modo, lhes seria

insensível; que o ouvido apanha o movimento indicado e sua direção, que o tato julga pela impressão do calor proveniente de um corpo que se aproxima ou se afasta? Explicando-se as coisas assim, prescinde é verdade, do mistério, mas eu, confesso, sou um dos que se contentam com os mistérios que já existem no Mundo, e que não introduzem outros por prazer.”

Suprimindo, com tão lógicas explicações, os casos embaraçosos, é difícil a Bersot encontrar mistérios. Tão trivial lhe parece a *insensibilidade*, que dela não se quer ocupar, e duas páginas adiante arrisca uma teoria que se baseia, pelo contrário, numa sensibilidade muito maior que a do estado ordinário. Para um crítico, isto não é convincente.

Muito lhe custa ter que recusar aos sonâmbulos a previsão do futuro; convidamo-lo a ler o relatório de Husson e isto o aliviará de grande peso.

Enfim, declara que não acredita na vista através dos corpos; é uma infelicidade, contra a qual nada podemos; mas entre sua incredulidade e a afirmação dos homens de ciência, já citados, não hesitamos: cremo-los mais aptos a decidir que Bersot.

O autor declara que não tem repugnância em admitir a comunicação de espírito a espírito, mas não pode crer que ela se estabeleça entre magnetizador e sonâmbulo, porque, diz ele, quando a alma está no corpo, só se pode comunicar sob certas condições físicas, que não se desprezam à vontade.

Certamente. Se quisermos, no estado normal, ler o pensamento de outrem, haveria alguma dificuldade na operação, apesar de ter Cumberland dado provas de que isso não é impraticável. Mas, na espécie, o sonâmbulo se acha em estado especial, com a alma desprendida, ou menos ligada ao corpo, o que lhe permite a radiação à distância, a clarividência.

Eis a que se reduzem as objeções; é tudo o que os críticos mais credenciados encontram como “explicação” dos fatos do sonambulismo. Deve reconhecer-se que seus leitores não são difíceis de satisfazer, uma vez que se contentam com tão magros argumentos. Entretanto, o fato ou existe ou não existe. Se ele existe, dai-vos ao trabalho de o verificar

cuidadosamente e trouxe-nos argumentos plausíveis, em vez de vossas negações que sobre nada repousam; se ele não existe, é inútil, então, discutir.

Vejam os outros exemplos da desenvoltura com que Bersot explica os fatos maravilhosos. Ouçamo-lo:

“O dom de falar línguas desconhecidas que se encontra tantas vezes entre os convulsionários das Cevenas, e que vemos em certos doentes convulsivos, sugere uma reflexão. Se forem línguas existentes, mas que o doente nunca lera ou ouvira falar antes, que se nos permita negar simplesmente o fato, sem maiores explicações.”

É mais fácil que fazer compreender como se pode produzir o fenômeno, e duvidamos que Bersot convença muita gente com a eloquência persuasiva que emprega; confissão é essa de impossibilidade, que é bom registrar. Mas se a negação pura tem seus atrativos, não rivaliza com a explicação dada para o caso em que o doente fala uma língua de que ouviu algumas palavras, ao acaso, como o latim, que tem passado mais ou menos pelos olhos de todo o mundo.

Esse prodígio é devido tão-só a uma excitação da memória e da inteligência. Por exemplo, se um sujeito, durante a crise, fala o latim, é simplesmente porque ouviu o cura da aldeia ou o médico da terra pronunciarem algumas palavras nesse idioma. E ele empregará, então, no seu discurso, regras gramaticais que nunca aprendeu, vocábulos que nunca feriram seu ouvido; mas não importa, é tudo determinado por uma superexcitação da memória e da inteligência.

Francamente, é difícil zombar dos homens com maior desenvoltura. Cremos sonhar, lendo coisas que tais, e os espíritas, tachados de loucos e impostores, nunca pregaram teorias tão absurdas e tão contrárias ao bom senso.

A despeito de todas as críticas, diremos com Charles Richet: – “Desde 1875, os numerosos autores que se deram ao estudo do magnetismo tiraram *todos*, sem exceção nenhuma, a conclusão de que o sonambulismo é um fato indiscutível.”

- 
- i Ver todas as atas nos cursos de Magnetismo do Barão du Potet.
  - ii A semelhança afirmada não existe entre as palavras portuguesas saúde e bondade e entre felicidade e doçura, mas existe realmente entre as palavras correspondentes francesas: *santé* e *bonté*, *bonheur* e *douceurr*. (N.E.)